

Televisão

Thiago Mattos
ESPECIAL PARA O ESTADO
NOVA YORK

Em meio à sujeira, ao perigo e aos excessos, Nova York no início dos anos 1970 era uma cidade partida, cheia de som e fúria. Circulando por entre clubes, festas e becos da cidade, Richie Finestra (Bobby Cannavale) é o presidente da American Century, uma gravadora em apuros financeiros e prestes a ruir – só um hit pode lhes salvar. É com muito barulho que *Vinyl* estreia à meia-noite deste domingo, 14, pelo canal HBO.

A série é fruto de mais uma parceria entre nomes com pedigree no cinema, na TV e na música. Martin Scorsese, Terence Winter e Mick Jagger assinam em conjunto a produção executiva da série que traz personagens caricatos, guitarras distorcidas e um enredo que explora os meandros da indústria fonográfica da época.

Neste sentido, *Vinyl* é um soco na cara das grandes gravadoras, objeto de estudo da série. “É ficção, mas muito da trama foi retirado de experiências reais de pessoas que viveram a época e sabiam sobre o funcionamento da música como um negócio”, afirmou o ator Jack Quaid, que interpreta um produtor musical da American Century, em entrevista exclusiva ao **Estado**.

Para fazer a crítica com o som no talo, a série conta com um elenco de peso. Ganhador de um Emmy em 2013, Bobby Cannavale desfila como protagonista. Outras presenças regulares incluem Ray Romano (*Everybody Loves Raymond*), Max Cosella (*Os Sopranos*) e P. J. Byrne (*O Lobo de Wall Street*), cujas interpretações garantem boas risadas. Também atuam na série Olivia Wilde (*House*), Birgitte Hjort Sørensen (*Game of Thrones*) e James Jagger, que interpreta um roqueiro em seu primeiro papel de destaque como ator.

Desespero.
Presidente tenta salvar gravadora de apuros financeiros



DIVULGAÇÃO

‘Vinyl’ chega com barulho

Série da HBO que estreia neste domingo aposta na boa união entre grandes nomes do cinema, música e TV

“Não há muita semelhança entre meu pai e o personagem”, disse James ao **Estado**. “Kip Stevens é um odiador visceral, que quer ser alguém e bate a cabeça contra a parede que é a indústria musical dos anos 1970, que tinha cada vez menos a ver com música e mais com imagem.”

Em *Vinyl*, a hegemonia da música disco nas paradas de sucesso é parte integrante do conflito, que também reserva espaço à pureza do blues e ao nascente delírio do hip hop. Além das roupas de nylon e lantejoulas coloridas, a série promete entupir a tela com bastante rock’n’roll – há referências óbvias a bandas como Velvet Underground e

New York Dolls.

Para além das personas e bandas fictícias, *Vinyl* mergulha com profundidade nas angústias e fracassos de uma época marcada pelo declínio da contracultura, pelo alto consumo de drogas e pela violência das ruas da cidade.

Parceria. Muito da competência de *Vinyl* vem da expertise reunida dos envolvidos de frente no projeto. Embora cada um dos episódios da primeira temporada esteja sob a batuta de diferentes diretores, a assinatura de Martin Scorsese no episódio piloto funciona como modelo aos demais.

Longe de ser novidade, o flerte do diretor de cinema com a TV e com a música é uma constante em sua carreira. Em 2003, além de também dirigir o primeiro episódio, Scorsese produziu uma série de TV sobre o blues – *The Blues*. Em 1978, lançou seu aclamado documentário *The Last Waltz*, voltando sua atenção para o último concerto da banda canadense The Band. Em 2008, registrou uma turnê dos Rolling Stones no também documentário *Shine a Light*.

Nas quase duas horas do capítulo inicial de *Vinyl*, o carimbo do diretor transforma o que seria um simples seriado televisivo em uma delicada experiên-

cia visual que se apoia na linguagem do cinema. A marca Scorsese está impressa na escolha dos enquadramentos e ângulos de câmera, na narração não linear em off, nas transições de cena que ganham fluidez com o uso indiscriminado do silêncio abrupto. Os recursos funcionam em sincronia com o roteiro preciso de Terence Winter, que escreveu todos os dez episódios da primeira temporada.

Inaugurada na série *Boardwalk Empire*, a sinergia entre ambos continuaria dando frutos em produções como *O Lobo de Wall Street* – em que Winter assina o roteiro e de onde vieram muitos do elenco – mas

ganha ainda mais densidade em *Vinyl* com o amálgama trazido pela ilustre presença de Mick Jagger por trás das câmeras.

Somado à estética narrativa e visual, a série ganha consistência pela familiaridade e livre acesso que o roqueiro ainda cultiva com o sinuoso mercado das gravadoras e com os personagens que fazem parte dele.

Através dos olhos cansados de Richie Finestra, o espectador consegue flunar entre produtores gananciosos, músicos neurastênicos e executivos inescrupulosos – todos desesperados pelo sucesso. Ao que tudo indica, *Vinyl* vem para ser um hit.

ENTREVISTA

James Jagger, ATOR

‘Meu pai foi ótima fonte sobre aquela época’

Filho de cantor fez várias pesquisas sobre figuras notórias da música na década de 1970, quando havia uma utopia artística

Aos 30 anos, James Jagger interpreta Kip Stevens, um aspirante a estrela de rock na série *Vinyl*. Em Nova York, o filho de Mick Jagger conversou com o **Estado**.

● **O fato de ter um pai roqueiro ajudou a entender o seu personagem?**
Não há muita semelhança entre meu pai e o personagem. Kip Stevens é um odiador visceral que quer ser alguém e bate a cabeça contra a parede que é a indústria musical dos anos 1970, cada vez tendo menos a ver com a música e mais com a imagem. Por sorte, meu pai não estava lá o tempo todo (risos), mas ele foi uma ótima fonte quando eu precisava de ajuda com alguma referência.

● **Como foi seu processo de pesquisa?**
Havia um músico da época chamado Jack Ruby, um protopunk nova-iorquino cheio de raiva, muito semelhante a meu personagem. As pessoas não o conhecem porque sua música era realmente horrível (risos) e ele morreu muito jovem, mas, em 1972, ele era uma das pessoas com a atitude mais punk do período. Também foi interessante ler as notícias da época. Eu tinha uma ideia de que Nova York nos anos 1970 representava uma utopia artística, com muita liberdade, mas na verdade era horrível (risos). Havia muito problema com crime e drogas, Richard Nixon era o presidente, as pessoas não estavam muito felizes. Mas foi uma época excitante para a música, embora não tão boa para quem estava cercado por aquelas roupas de nylon e poliéster (risos).

● **Como foi ter Martin Scorsese**

como diretor em seu primeiro trabalho de destaque?
Foi uma ótima experiência e um enorme aprendizado trabalhar com pessoas tão fantásticas. Marty foi o melhor instrutor que já tive, embora só tenha dirigido o episódio piloto da série. Sempre que Scorsese está envolvido, há uma atenção especial para o detalhe. Em todos os seus projetos, a música é algo muito importante, ele é um grande fã de rock’n’roll. E *Vinyl* é um projeto de pelo menos 10 anos; era para ser um filme, mas realmente parece bem apropriado para a TV, onde dá para mostrar muito mais.

● **Vinyl fala sobre música. Você acha que o tema ajuda a criar ainda mais expectativa pela série?**
Música é um território sagrado e há uma enorme responsabilidade em não fazer bobagem. Neste sentido, acho que *Mad Men* abriu o caminho para nós ao ser um seria-



EDUARDO MUNOZ/REUTERS

Em família. Mick com James, na première de ‘Vinyl’ em NY

do que fala sobre um business. Por isso, há uma semelhança com o que estamos fazendo, já que mostramos as engrenagens de uma indústria muito complicada. Mui-

tos fãs de música têm uma ideia de fora de como deve ser a indústria das gravadoras, mas é interessante ver de perto como as coisas realmente funcionavam. / **T.M.**

Série aposta na tríade sexo, drogas e rock’n’roll

CRÍTICA

★★★★★ ÓTIMO

NOVA YORK EFERVESCE AO SOM DE GUITARRAS BARULHENTAS E VICIADOS

O New York Dolls, no palco, literalmente chacoalha a estrutura do edifício abandonado, prestes a ruir e desaparecer em uma Nova York em estado de decomposição. Richie Finestra (brilhantemente interpretado por um enfurecido Bobby Cannavale), entorpecido pelas carreiras de cocaína inaladas, as goladas de uísque e o som pesado das guitarras da banda de protopunk, entrou em êxtase. Sequer percebeu o teto ruir e desabar.

Vinyl transpira a trindade sexo, drogas e rock’n’roll – embora seja levemente inclinada a colocar a música acima dos outros dois terços da tríade. É bom lembrar, contudo, que estamos falando de HBO, emissora que não tem medo de mostrar corpos desnudos e sangue aos montes em *Game of Thrones*. O traba-

lho de Martin Scorsese, Terence Winter e Mick Jagger prefere ser mais sutil, contúdo. Espalham referências de uma época de ouro para o rock mundial, na transição entre as décadas de 1960 e 1970, mas poucas bandas reais são citadas nominalmente – um aperitivo: o Led Zeppelin aparece e a versão televisiva para Jimmy Page é impagável. A cidade de Nova York é um personagem a ser explorado mais nos próximos episódios. O rock da época só é selvagem

porque espelha toda a imunidade e sensação de perigo emanada por aquelas ruas infestadas de ratos e traficantes. Finestra de Cannavale, por sua vez, mostra logo nesse primeiro episódio o potencial para carregar a série nas costas. É viril e doce, intempestivo e pacificador. Complexo e indecifrável, o protagonista é daqueles cuja reação é sempre imprevisível. Mas uma coisa é certa: se ele e sua American Century caírem, vão levar amigos e inimigos com eles. / **PEDRO ANTUNES**

“Sempre que Martin Scorsese está envolvido, há uma atenção especial para o detalhe. Em todos seus projetos, a música é algo muito importante”

SUCESSO MUNDIAL EM GREASE & XANADU

OLIVIA NEWTON-JOHN

Summer Nights

DIRETO DE LAS VEGAS PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL

03 DE MARÇO

ESPAÇO DAS AMÉRICAS

www.poladian.com.br

INTERCONTINENTAL SÃO PAULO

ESPAÇO AMÉRICAS

Kalunga.com

+140 lojas

Giannini

Estilo e Conforto para mulheres de bom gosto!

Pelica Feito à mão Pronta entrega

Rua Afonso Brás, 878/884 Tel.: (11) 3842-7887 Vila Nova Conceição - São Paulo www.calcadogiannini.com.br